



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

FLÁVIA FAÉLICA KELLY DIAS DA COSTA

**ENTRE MONSTROS E FANTASIAS: A DISTORÇÃO DA REALIDADE, O TRAUMA
INFANTIL E O MEDO NA GRAPHIC NOVEL "O MONSTRO DEBAIXO DA MINHA
CAMA", DE LUCKAS IOHANATHAN**

**CAMPINA GRANDE
2025**

FLÁVIA FAÉLICA KELLY DIAS DA COSTA

ENTRE MONSTROS E FANTASIAS: A DISTORÇÃO DA REALIDADE, O TRAUMA INFANTIL E O MEDO NA GRAPHIC NOVEL "O MONSTRO DEBAIXO DA MINHA CAMA", DE LUCKAS IOHANATHAN

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Letras Português da Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura e intermedialidade.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Santos Melo

**CAMPINA GRANDE
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837e Costa, Flavia Faelica Kelly Dias da.

Entre monstros e fantasias [manuscrito] : a distorção da realidade, o trauma infantil e o medo na graphic novel "O monstro debaixo da minha cama", de Luckas Iohanatan / Flavia Faelica Kelly Dias da Costa. - 2025.

32 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras portuguesas) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Bruno Santos Melo, Coordenação do Curso de Letras Portugêsa - FALLA".

1. Graphic novel. 2. Quadrinhos. 3. Trauma infantil. 4. Medo na infância. I. Título

21. ed. CDD 741.5

FLAVIA FAELICA KELLY DIAS DA COSTA

ENTRE MONSTROS E FANTASIAS: A DISTORÇÃO DA REALIDADE, O TRAUMA INFANTIL E O MEDO NA GRAPHIC NOVEL "O MONSTRO DEBAIXO DA MINHA CAMA", DE LUCKAS IOHANATAN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras

Aprovada em: 13/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Bruno Santos Melo** (***.738.944-**), em **10/07/2025 22:52:46** com chave **bdd05b7c5df911f0b7512618257239a1**.
- **Egberto Guillermo Lima Vital** (***.129.644-**), em **05/08/2025 17:40:01** com chave **5c189b9a723c11f0a0e606adb0a3afce**.
- **Kalina Naro Guimarães** (***.922.164-**), em **11/07/2025 11:08:26** com chave **8358d7965e6011f08c652618257239a1**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 05/08/2025

Código de Autenticação: 50c208



A minha mãe, ao meu irmão Flávio Dias
(em memória) e a toda minha família,
DEDICO.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Lucy entrando no ônibus escolar.....	14
Figura 2: Contracapa do livro.....	15
Figura 3: Visita do monstro-pai ao quarto de Lucy.....	17
Figura 4: O café da manhã.....	19
Figura 5: O monstro-pai entra no quarto após a reunião na escola.....	20
Figura 6: Argumentação do monstro-pai.....	21
Figura 7: O monstro-pai intimida a esposa e filha.	22
Figura 8: Lucy dialoga com seu alter ego heroico..	23
Figura 9: Lucy se vê como uma super-heroína.....	24
Figura 10: Monstro-pai caído no chão... ..	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E OS TEMAS FRATURANTES.....	9
2.1 Temas fraturantes e a ficcionalização do trauma.....	9
2.2 A psicodinâmica do medo e da dissociação.....	12
3 ENTRE O MEDO E A FANTASIA: UMA LEITURA DA GRAPHIC NOVEL “O MONSTRO DEBAIXO DA MINHA CAMA”, DE LUCAS IOHANATHAN.....	13
3.1 A construção do medo e a dissociação da realidade.....	13
3.2 A construção de sentidos a partir da linguagem dos quadrinhos.....	17
4 CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS.....	26

ENTRE MONSTROS E FANTASIAS: A DISTORÇÃO DA REALIDADE, O TRAUMA INFANTIL E O MEDO NA GRAPHIC NOVEL "O MONSTRO DEBAIXO DA MINHA CAMA", DE LUCKAS IOHANATHAN

Flávia Faélica Kelly Dias da Costa¹

RESUMO

As *graphic novels*, enquanto linguagem artística híbrida, têm demonstrado notável potencial para abordar questões sociais complexas, como violência doméstica, trauma infantil e exclusão social. Nesse sentido, este artigo analisa a construção da personagem Lucy, da obra “O Monstro Debaixo da Minha Cama”, de Luckas Iohanathan, com o objetivo de compreender como o trauma molda sua percepção de mundo e comportamentos. A metodologia utilizada baseou-se em análise qualitativa e interpretativa, com ênfase na linguagem verbal e visual da narrativa gráfica. O estudo examinou o papel dos elementos imagéticos, como o uso das cores, os enquadramentos, os balões de fala e as onomatopeias na representação do medo, da opressão e da resistência da protagonista. As reflexões de Foucault (1987) contribuíram para entender os dispositivos de poder e controle que envolvem Lucy, enquanto os apontamentos de Butler (2019) forneceram subsídios para compreender a performatividade do corpo em contextos de vulnerabilidade, ao passo que os postulados de Goffman (1989), por sua vez, auxiliaram na análise das interações sociais e das máscaras utilizadas por Lucy para sobreviver ao trauma. A análise revelou que a linguagem dos quadrinhos não apenas sustenta a narrativa, mas também amplia a expressividade do sofrimento e da resistência da personagem. O desfecho da história, marcado pela morte física e simbólica do monstro-pai e pela postura heroica da protagonista, evidencia um processo de emancipação subjetiva. Conclui-se que a *graphic novel*, ao mesclar texto e imagem, não apenas denuncia o abuso sexual infantil, mas também oferece ao leitor uma experiência estética e crítica profundamente engajada com a realidade social.

Palavras-chave: Luckas Iohanathan; Graphic novel; Trauma infantil; Medo.

ABSTRACT

Graphic novels, as a hybrid artistic language, have shown remarkable potential to address complex social issues such as domestic violence, childhood trauma, and social exclusion. This article analyzes the construction of the character Lucy, from the graphic novel *O Monstro Debaixo da Minha Cama* by Luckas Iohanathan, aiming to understand how trauma shapes her worldview and behavior. The methodology adopted was qualitative and interpretative, with an emphasis on the verbal and visual language of the graphic narrative. The study examined the role of visual elements such as color use, framing, speech balloons, and onomatopoeia in the representation of fear, oppression, and resistance. Reflections by Foucault (1987) provided a foundation to understand the power and control devices surrounding Lucy, while Butler (2019) contributed to the comprehension of bodily performativity in contexts of vulnerability, Goffman (1989), in turn, supported the analysis of social interactions and the masks

¹ Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba – flavia.costa@aluno.uepb.edu.br.

Lucy uses to survive her trauma. The analysis revealed that the comic book language not only supports the narrative but also enhances the expressiveness of the character's suffering and resistance. The story's conclusion, marked by the symbolic death of the monster-father and the protagonist's heroic posture, reveals a process of subjective emancipation. It is concluded that the graphic novel, by blending text and image, not only denounces child sexual abuse, but also offers the reader an aesthetic and critical experience deeply engaged with social reality.

Keywords: Luckas Iohanathan; graphic novel; childhood trauma; fear.

1 INTRODUÇÃO

As *graphic novels*, enquanto forma de arte, têm a capacidade de abordar temas sociais complexos, traduzindo questões como violência, trauma e exclusão de forma acessível e visualmente impactante (Valle, 2019). Assim, na obra quadrinística "O Monstro Debaixo da Minha Cama" (2020), de Luckas Iohanathan, nos é apresentada a trajetória de Lucy, uma menina que sofre abusos físicos (sexuais) e emocionais por seu próprio pai, situação que provoca profundas mudanças em seu comportamento e percepção da realidade. O ambiente violento e a omissão materna catalisam um processo de dissociação², no qual Lucy transforma seu mundo cotidiano em uma fantasia distorcida, em que todos os personagens masculinos são monstros. Através de elementos simbólicos, o quadrinista aborda como o trauma infantil pode moldar o comportamento e a subjetividade, apresentando Lucy como uma personagem que lida com o medo e a opressão por meio da criação de uma realidade paralela. Esse mecanismo de fuga psicológica, simbolizado pelos brinquedos que ganham vida, revela a complexidade das dinâmicas familiares abusivas e como a violência pode impactar a formação psíquica de uma criança.

A narrativa de Lucy, inserida no contexto de abuso sexual infantil, reflete uma problemática social contemporânea, em que a violência doméstica afeta milhões de crianças ao redor do mundo. O uso de metáforas visuais, como os brinquedos que ganham vida e o medo que se manifesta em formas monstruosas, pode evidenciar os mecanismos de defesa psicológicos que crianças abusadas frequentemente desenvolvem. Esta *graphic novel* transcende a ideia reducionista muitas vezes associada aos quadrinhos, de que se trata de narrativas infantis ou que infantilizam os adultos (Eisner, 2010) ao assumir uma dimensão filosófica e sociológica, levantando questões sobre a construção do "sujeito" em situações de opressão, o papel da família e a ausência de apoio institucional e social. A obra abre espaço para refletirmos sobre as consequências desse tipo de trauma na infância e como, frequentemente, ele é negligenciado por aqueles que deveriam proteger e amparar. A distorção da realidade de Lucy e sua fuga para um mundo de fantasia também pode ser vista como uma crítica à sociedade, que falha em proteger suas crianças das violências estruturais.

Diante desse cenário, o presente artigo busca analisar como a obra de Luckas Iohanathan (2020), através da composição estética e narrativa, aborda o desenvolvimento psicológico de Lucy. Através do estudo da personagem, é possível estabelecer relações entre a formação da identidade sob condições de violência e os

² Mecanismo de defesa psíquico que leva à desconexão entre pensamentos, emoções e percepções, frequentemente utilizado inconscientemente por vítimas de abuso sexual infantil para suportar experiências traumáticas insuportáveis (Van der Kolk, 2014).

conceitos propostos por estudiosos como Foucault (1987), Bauman (2008), Goffman (1989) e Butler (2019). A análise do comportamento da protagonista permite explorar a distorção da realidade como um mecanismo de sobrevivência diante de traumas profundos, e como essa distorção revela a relação entre o controle social, o medo e a performatividade de gênero. O enredo da obra, embora fictício, traz à tona uma realidade cruel enfrentada por muitas crianças, em que a linha entre o real e o imaginário é constantemente alterada em um esforço para suportar a dor emocional. Assim, nossas reflexões buscam não apenas explorar os elementos narrativos, mas também discutir a relevância social das *graphic novels*.

Em um cenário social marcado por discursos negacionistas, especialmente no que diz respeito à educação sexual, o Brasil enfrenta sérias dificuldades para promover debates abertos e embasados sobre temas que envolvem o corpo, a afetividade e a proteção de crianças e adolescentes. Essa resistência, muitas vezes sustentada por valores conservadores e por desinformação, acaba por silenciar questões urgentes como o abuso sexual, a violência doméstica e as consequências emocionais e psicológicas desses traumas. A ausência de uma educação sexual pautada no respeito, na prevenção e no conhecimento contribui para a perpetuação de ciclos de violência no ambiente familiar e para a omissão institucional diante dessas realidades.

Dessa forma, discutir a história de Lucy, personagem que simboliza a criança silenciada em um ambiente de negligência e abuso, torna-se essencial. Sua trajetória revela como a violência física e emocional se entrelaça aos mecanismos de controle e vigilância analisados por Foucault (1987). A análise permite refletir sobre a falência das estruturas sociais em garantir proteção e cuidado às crianças, e sobre a urgência de inserir, tanto no contexto educacional quanto familiar, práticas que promovam o diálogo, o acolhimento e a construção de vínculos seguros.

O objetivo geral deste artigo, portanto, é analisar a construção da personagem protagonista examinando como o trauma afeta sua percepção de mundo e seu comportamento. Os objetivos específicos incluem investigar o impacto do abuso sexual infantil na formação da identidade da personagem a partir da perspectiva de Foucault (1987) e Butler (2019) e analisar as interações sociais de Lucy através da lente de Erving Goffman (1989), observando como ela cria máscaras para enfrentar a realidade e a desconexão emocional.

2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E OS TEMAS FRATURANTES

2.1 Temas fraturantes e a ficcionalização do trauma

As histórias em quadrinhos que abordam situações do cotidiano e aspectos inerentes à vida, mas que frequentemente são difíceis de lidar, envolvem a representação de temas muitas vezes considerados delicados ou controversos. Essas narrativas podem apresentar diferentes graus de realismo dentro da ficção e abarcam assuntos como morte, violência, sexualidade, emoções desafiadoras (como medo, raiva, tristeza e ciúme), abandono, separação familiar, deficiência, preconceito, guerras e muitos outros.

No campo da literatura infantil, autores como Regina Zilberman e Lucia Cademartori (2004) destacam que, historicamente, as obras voltadas às crianças foram concebidas para transmitir valores morais e civis, o que muitas vezes resultou na exclusão de temas considerados “adultos” ou desconfortáveis. Contudo, a partir de transformações sociais e culturais, uma nova literatura infantil emerge, mais crítica e comprometida com a realidade das infâncias. Ricardo Azevedo reforça que as crianças não vivem em um “mundo encantado” e, portanto, têm o direito de acessar narrativas que dialoguem com suas experiências, inclusive as dolorosas.

Nesse sentido, Nelly Novaes Coelho (1981) contribui com a ideia de que a criança foi muitas vezes retratada como um miniadulto, alguém que, mesmo em tenra idade, já participa ativamente dos dramas humanos e sociais, confrontando dores, medos e perdas que a sociedade tende a invisibilizar. A literatura, assim, não deve ser vista como um espaço exclusivamente de fantasia, mas também como um lugar de enfrentamento simbólico. As metáforas presentes nessas narrativas nem sempre servem para suavizar o impacto dos temas difíceis; pelo contrário: muitas vezes são construídas para chocar, provocar e conscientizar o leitor, inclusive o jovem leitor, estimulando reflexões profundas e questionamentos críticos. É nessa perspectiva que o medo se torna também ferramenta pedagógica, permitindo à criança elaborar suas emoções diante do perigo, reconhecer os próprios limites e desenvolver resiliência diante das adversidades. A literatura infantil, ao trazer à tona temas como o abuso sexual de forma simbólica ou direta, amplia o campo da escuta e do reconhecimento, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes de si e do mundo ao seu redor.

Entre essas abordagens, destaca-se o conceito de temas fraturantes, nomenclatura defendida por Ramos e Navas (2021) para designar conteúdos que rompem com a normatividade e desafiam tabus sociais como a morte, o sofrimento, o abandono e, inclusive, o abuso sexual infantil, como vivenciado pela personagem Lucy. Este tipo de violência representa uma das formas mais graves de violação dos direitos da criança e, embora muitas vezes silenciado no ambiente familiar e institucional, precisa ser nomeado, debatido e enfrentado de forma ética e responsável, inclusive nas produções literárias e artísticas voltadas ao público infantil e juvenil.

Ao apresentar o abuso sexual sofrido por Lucy como tema central, a obra evidencia não apenas a omissão de adultos responsáveis, mas também o silêncio cúmplice de instituições que deveriam protegê-la. Essa abordagem, ancorada nas discussões de Foucault (1987) sobre vigilância, poder e disciplina, expõe como a violência é exercida sobre corpos vulneráveis sob o disfarce de autoridade ou cuidado. O sofrimento de Lucy não é apenas individual: ele reflete a falência de uma estrutura social que deveria amparar, mas que frequentemente revitimiza e silencia.

A diversidade de nomenclaturas atribuídas a esse tipo de abordagem, como temas polêmicos, sensíveis, delicados ou fraturantes, reflete a natureza recente dos

estudos que investigam essas temáticas e a ausência de um consenso sobre a terminologia mais apropriada (Lira, 2021). Entre essas denominações, o termo *fraturante* tem se destacado na academia, especialmente por meio dos estudos de Ramos e Navas (2021). As autoras apontam que a lista de temas fraturantes é praticamente infinita, abrangendo todos os tabus da sociedade, como sexo, morte, violência, sofrimento, terrorismo, guerra, genocídio e doenças em suas variadas formas e contextos. O conceito se baseia na ideia de que esses temas representam rupturas em relação às normas sociais, desafiando padrões preestabelecidos e provocando debates que muitas vezes são evitados. Essa abordagem reforça que tais questões fazem parte da experiência humana e, portanto, não deveriam ser excluídas da literatura, inclusive das histórias em quadrinhos destinadas ao público infantil e juvenil.

Entre esses temas fraturantes, destaca-se de forma urgente e contundente o abuso sexual infantil, violência presente na narrativa vivenciada por Lucy, cuja figura paterna que deveria representar proteção é, na verdade, o principal agressor. O pai, enquanto agente do abuso sexual infantil, encarna a figura do monstro real e concreto: o pedófilo que atua sob o manto da autoridade familiar, violando o corpo e a subjetividade da criança. Essa representação rompe com o ideal romântico da infância protegida e denuncia a perversidade que pode habitar os espaços mais íntimos e, teoricamente, seguros.

É importante nomear o que Lucy sofre como abuso sexual infantil, já que a narrativa recusa o eufemismo e enfrenta a dor com a responsabilidade que ela exige. O uso direto dessa nomenclatura é essencial não apenas para reconhecer a gravidade da violência, mas também para desnaturalizá-la e propor sua discussão em contextos educativos, literários e sociais. Nesse sentido, a obra se insere na perspectiva de não apenas formar leitores, mas também provoca-los a refletir sobre os limites da proteção institucional e familiar, questionando a eficácia das estruturas que deveriam preservar a dignidade da infância.

Essas temáticas provocam “fraturas” na aparente inocência atribuída à infância, desafiando a ideia de que as crianças devem ser protegidas de qualquer realidade dolorosa ou complexa. Na literatura infantil contemporânea, entretanto, tais temas têm ganhado espaço e vêm sendo tratados com responsabilidade, sensibilidade e profundidade estética.

Segundo Barros e Azevedo (2019, p. 82), “quando [a morte] se afigura como algo real e tangível, associado ao cotidiano e ligado às pessoas que nos são queridas, [...] afigura-se tabu”, e a mesma lógica pode ser estendida ao abuso sexual infantil, tema que ainda é muitas vezes invisibilizado em espaços públicos e familiares. A literatura, no entanto, tem sido um espaço essencial para romper esse silêncio. Como afirma Ramos (2010), os universos fraturantes têm um papel essencial na formação do sujeito-leitor ao colocar em pauta experiências humanas limítrofes e dolorosas.

Nesse contexto, a obra “O Monstro Debaixo da Minha Cama”, de Luckas Iohanathan, representa um exemplo contundente de como as histórias em quadrinhos podem tratar o abuso sexual infantil a partir de uma abordagem simbólica e metafórica. A protagonista Lucy convive com a presença de um “monstro” que habita seu espaço íntimo e a invade silenciosamente, sendo esta figura uma representação do agressor. A linguagem visual e narrativa da obra dialoga diretamente com o conceito de fratura: o lar deixa de ser um espaço seguro, o adulto deixa de ser um protetor, e o corpo da criança torna-se lugar de dor.

Nesse sentido, “a referência indireta ao assédio sexual exige inferências em diversos níveis de complexidade, permitindo uma interpretação que se ajusta ao grau de maturidade do leitor” (Feres; Micheli, 2022, p. 224). Essa estratégia é amplamente utilizada na *graphic novel*, que evita a nomeação explícita da violência, mas constrói,

com imagens e sutilezas narrativas, um ambiente de tensão, medo e silêncio. Dessa forma, a obra respeita o universo infantil ao mesmo tempo em que não o aliena da realidade.

Acerca disso, percebemos que

A imagem do lixo que é colocado debaixo do tapete é muito eloquente para se referir a essas questões espinhosas sobre as quais ninguém se atreve a falar. O abuso sexual infantil é um deles, especialmente porque o agressor é muitas vezes um adulto muito próximo (Días, 2020, p. 133, tradução nossa)³.

É o que ocorre na narrativa, onde o agressor é o próprio pai, que visitava seu quarto com frequência sempre no turno da noite e ela, sob ameaças, acabava fingindo estar dormindo. Conviver com essa situação faz com que Lucy desencadeie sentimentos como medo, tristeza, raiva e vingança, ao ponto de afetá-la não só no ambiente familiar, mas também fora dele, onde ela vê todas as pessoas do gênero masculino como monstros.

A figura do monstro serve como metáfora para o trauma, e o esconderijo debaixo da cama simboliza o segredo, a vergonha e o silenciamento da vítima. Segundo Van der Kolk (2014), o trauma infantil costuma ser reprimido ou dissociado da consciência como uma tentativa de autopreservação. Na obra, esse mecanismo aparece representado na maneira como Lucy projeta seus sentimentos no imaginário do monstro, revelando uma tentativa de nomear a dor que a sufoca.

Assim, a obra ilustra como a *graphic novel* pode se tornar um instrumento de mediação para a compreensão do trauma, por meio de signos simbólicos e seus recursos verbo-visuais, ao passo que “os livros que abordam temas difíceis oferecem arestas que ajudam a encontrar respostas para sentimentos que não são expressos, para eventos que não são nomeados” (Feres; Micheli, 2022, p. 225). Portanto, ao abordar um tema fraturante de maneira sensível e simbólica, a *graphic novel* rompe com a visão reducionista da infância como sinônimo de ingenuidade e proteção absoluta, e a reconhece como uma etapa da vida que também é marcada por desafios, dores e experiências complexas. Além disso, ao serem inseridas no contexto escolar ou até mesmo em ambiente familiar, as HQs podem proporcionar um espaço seguro para diálogo, ajudando pais e educadores a conversarem sobre temas difíceis de forma natural e empática (Barros; Azevedo, 2019).

Conforme apontam Oliveira-Iguma *et al.* (2019), a discussão sobre temas complexos nas histórias em quadrinhos voltadas para o público infantil e juvenil torna-se ainda mais relevante diante dos desafios enfrentados por educadores, mediadores e famílias ao lidarem com narrativas que abordam questões delicadas, como morte, separação, violência, diversidade de gênero e a realidade de pessoas em situação de vulnerabilidade. Muitos profissionais e responsáveis ainda hesitam em incluir esses temas nas leituras, seja por receio de confrontar o conservadorismo crescente no Brasil nos últimos anos, pela falta de preparo para conduzir debates que extrapolem a norma estabelecida ou pela ausência de compreensão sobre a importância de introduzir essas histórias no ambiente escolar como meio de reflexão sobre questões sociais. Percebe-se que as narrativas gráficas possuem um potencial significativo para abordá-las de maneira acessível, sem subestimar a capacidade da criança ou do jovem de compreender assuntos complexos. O equilíbrio entre imagem e texto permite uma abordagem simbólica e sensível, além disso, as *graphic novel* oferecem um

³ Cf. no original: “La imagen de la basura que se coloca debajo de la alfombra es muy elocuente para referirse a esos temas espinosos sobre los que nadie se atreve a hablar. El abuso sexual infantil es uno de ellos, especialmente porque muchas veces el agresor es un adulto muy cercano” (Días, 2020, p. 133).

espaço para que os leitores estabeleçam conexões emocionais com os personagens, o que pode favorecer o desenvolvimento da empatia e de uma visão mais crítica da realidade.

2.2 A psicodinâmica do medo e da dissociação

O medo é uma das emoções mais universais e fundamentais do ser humano, sendo especialmente significativo na infância, quando as crianças ainda estão desenvolvendo sua compreensão do mundo e aprendendo a lidar com experiências que podem ser assustadoras ou ameaçadoras. Na literatura infantil, o medo tem sido um tema recorrente, tanto como elemento pedagógico para ensinar resiliência e superação quanto forma simbólica de expressar traumas profundos e experiências dolorosas que não encontram lugar no discurso cotidiano. Quando se trata de crianças que sofreram abuso sexual infantil, esse medo deixa de ser apenas emocional e torna-se estrutural, corporal e existencial.

A psicodinâmica do medo, portanto, está intimamente ligada ao modo como o cérebro processa situações de ameaça real, especialmente aquelas que rompem o pacto básico de segurança afetiva, como é o caso do abuso praticado por figuras parentais ou cuidadoras. Estudos em neurociência indicam que a exposição precoce ao trauma ativa de maneira intensa a amígdala cerebral, estrutura envolvida nas respostas ao medo, e compromete o desenvolvimento equilibrado do hipocampo e do córtex pré-frontal regiões responsáveis pela memória, autorregulação e tomada de decisões (Van Der Kolk, 2014). Crianças vítimas de abuso sexual infantil tornam-se hipervigilantes, desconfiam do mundo ao redor e desenvolvem estratégias psíquicas para suportar o insuportável. Uma dessas estratégias é a dissociação, um mecanismo de defesa que fragmenta a experiência traumática, separando-a da consciência plena como forma de autoproteção.

No entanto, é preciso entender que o medo e a dissociação não são apenas experiências individuais ou biológicas: eles também carregam marcas culturais e sociais. Em uma sociedade que silencia o corpo infantil, erotiza precocemente as infâncias e nega a discussão sobre sexualidade de forma ética e preventiva, o trauma deixa de ser apenas um evento isolado para se tornar parte de uma estrutura que tolera e perpetua a violência. O medo, nesse contexto, é aprendido e reproduzido em múltiplas esferas: no silêncio familiar, na omissão institucional, na culpabilização da vítima e na ausência de representações culturais que nomeiem o que foi vivido. A dissociação, por sua vez, se intensifica nesse cenário, pois a criança não encontra no entorno nenhum suporte simbólico ou afetivo para elaborar o que sofreu.

Na literatura, especialmente a infantil, o medo é frequentemente representado por meio de metáforas de monstros, sombras, animais ameaçadores ou espaços escuros que permitem à criança nomear o indizível. Como aponta Bettelheim (1980), os contos de fadas oferecem uma via segura para que a criança projete e processe seus conflitos internos sem ter que confrontá-los de forma direta. Quando se trata de narrativas que abordam o abuso sexual infantil, ainda que simbolicamente, essas representações ganham ainda uma função terapêutica e de denúncia: elas criam espaços de escuta e reconhecimento, dando corpo ao medo dissociado e rompendo o ciclo de silêncio.

Dessa forma, a psicodinâmica do medo e da dissociação não pode ser compreendida apenas em sua dimensão intrapsíquica: ela deve ser analisada também como reflexo das estruturas de poder, gênero, violência e desigualdade que moldam as experiências da infância em uma cultura que ainda hesita em proteger os mais

vulneráveis. Ao nomear o medo e dar visibilidade ao trauma, especialmente em obras literárias, dá-se o primeiro passo para ressignificá-los e, talvez, superá-los.

A literatura infantil tem sido utilizada há décadas para ajudar crianças a processar e superar traumas. Winnicott (1971) argumenta que o brincar e a imaginação são essenciais para a saúde emocional infantil, pois proporcionam um espaço de experimentação em que a criança pode testar seus limites e elaborar suas emoções. Quando inserida na literatura, essa capacidade imaginativa se transforma em um meio de expressão do medo e da angústia, permitindo que a criança –leitora experiente simbolicamente o enfrentamento de seus desafios emocionais.

A dissociação, por sua vez, é um dos mecanismos psicológicos mais comuns em vítimas de trauma, especialmente em crianças que sofreram abuso. Trata-se de um processo pelo qual a mente se desliga da realidade como forma de autoproteção, criando uma barreira psicológica entre a experiência traumática e a consciência. Esse fenômeno pode se manifestar de diversas maneiras, desde lapsos de memória e sensação de irrealidade até a construção de mundos imaginários que permitem à criança escapar da dor emocional (Herman, 1997). Na literatura, a dissociação pode ser percebida em histórias na qual os personagens criam universos alternativos ou desenvolvem identidades paralelas para lidar com experiências difíceis.

Esse fenômeno também se manifesta na maneira como algumas histórias infantis estruturam suas narrativas. Em muitos casos, há uma clara divisão entre o mundo real e o mundo fantástico, sendo este último uma forma de escapismo para a criança protagonista. Autores como Lewis Carroll (1865), em *Alice no País das Maravilhas*, e James Matthew Barrie (1911), em *Peter Pan*, exploram essa temática ao apresentar protagonistas que escapam para mundos imaginários onde enfrentam desafios simbólicos que refletem seus conflitos internos. Essas narrativas podem ser vistas como representações literárias do mecanismo dissociativo, permitindo que as crianças processem seus sentimentos por meio de um distanciamento simbólico da realidade.

Na obra de Iohanathan (2020) a dissociação é representada por meio da protagonista Lucy, quando transforma sua experiência de abuso em uma trama simbólica na qual um monstro habita o espaço sob sua cama. A presença do monstro simboliza o medo real que a personagem sente em relação ao agressor, ao mesmo tempo em que a narrativa lhe dá a possibilidade de enfrentá-lo, ainda que indiretamente.

Outro ponto importante na relação entre dissociação e literatura é a maneira como o medo é representado através de cores, sombras e descrições narrativas. Em histórias ilustradas, o uso de tons escuros e contrastes visuais pode evocar sentimentos de angústia e desamparo, intensificando a identificação da criança com a experiência do personagem. O design gráfico de obras como “O Monstro Debaixo da Minha Cama” enfatiza o desconforto emocional da protagonista ao utilizar traços sombrios e composições visuais que evocam a sensação de opressão e medo. Esse recurso artístico contribui para a construção de um ambiente que reflete a psicodinâmica do medo infantil.

3 ENTRE O MEDO E A FANTASIA: UMA LEITURA DA GRAPIC NOVEL “O MONSTRO DEBAIXO DA MINHA CAMA”, DE LUCAS IOHANATHAN

3.1 A construção do medo e a dissociação da realidade

Na obra, a personagem Lucy desenvolve mecanismos de sobrevivência para lidar com o abuso que sofre em casa, retratando de maneira crua a desconstrução da inocência infantil. Sob a perspectiva de Michel Foucault (1987), o controle e o poder

sobre o corpo de Lucy, representados pelo abuso físico e emocional, configuram uma forma de vigilância constante. A violência doméstica torna-se um dispositivo de poder⁴ que molda o comportamento da criança, semelhante ao controle disciplinar descrito pelo autor em suas reflexões sobre as prisões e instituições. No caso de Lucy, o lar, que deveria ser um espaço de proteção, assume a função de uma "prisão", na qual seu comportamento é moldado pela opressão e pela violência.

Esse processo de opressão desencadeia uma mudança no comportamento da personagem, que, incapaz de lidar diretamente com o trauma, foge para um mundo de fantasia criado por si mesma. A criação de uma realidade distorcida, onde seus brinquedos ganham vida e todos os homens se tornam monstros, pode ser lida à luz da teoria de Erving Goffman (1989), que explora como os indivíduos constroem "máscaras" ou representações sociais para lidar com situações adversas. No caso de Lucy, essa máscara é sua dissociação da realidade, um mecanismo de defesa contra o abuso, em que ela é uma super-heroína. Sua interação com os brinquedos que ganham vida simboliza sua tentativa de controlar uma realidade caótica, como uma forma de encenação para sobreviver ao caos do mundo real.

O medo que a personagem sente não está restrito ao espaço doméstico em que seu pai assume a figura de um opressor, mas se estende a outros contextos sociais, como o ambiente escolar. Um exemplo expressivo desse medo pode ser observado na cena do ônibus escolar, na qual Lucy projeta sua angústia sobre todos ao seu redor: o motorista e seus colegas são representados como monstros.

Figura 1: Lucy entrando no ônibus escolar



Fonte: Iohanathan (2020, p. 11)

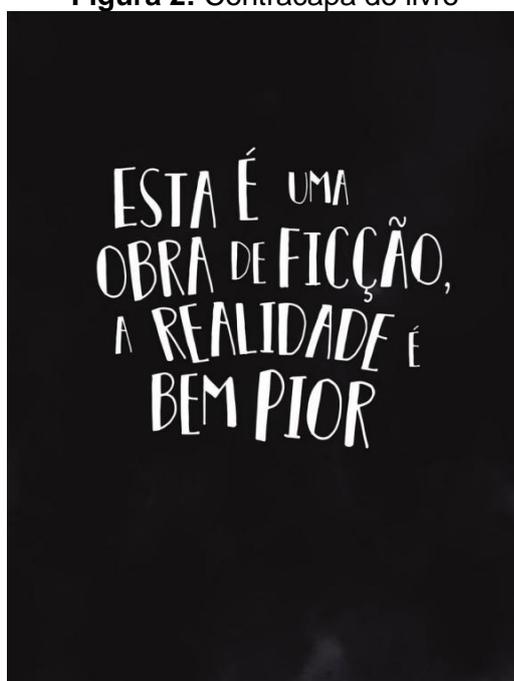
⁴ O conceito de "dispositivo de poder", conforme analisado por Michel Foucault, refere-se ao conjunto de mecanismos institucionais e discursivos que têm por função responder a uma urgência histórica, exercendo controle sobre os corpos e moldando comportamentos. Nas palavras do autor: "o poder produz; ele produz realidade; ele produz domínios de objetos e rituais de verdade" (Foucault, 1987, p. 30). Assim, espaços como prisões, escolas e até mesmo o lar podem funcionar como dispositivos de poder quando operam sob lógicas disciplinares que regulam e controlam as ações dos indivíduos, especialmente das crianças.

Essa cena ilustra a fluidez do medo que atravessa a vida da personagem e é reforçada pelos recursos visuais e linguísticos da linguagem dos quadrinhos. As vinhetas são desenhadas com contornos irregulares e sombreados intensos, evocando tensão e instabilidade. Os balões de fala, quando presentes, apresentam tipografia distorcida indicando um tom agressivo, ampliando o efeito de ameaça. As cores escuras e frias predominam, criando uma atmosfera opressiva que traduz visualmente a percepção de Lucy. Assim, a linguagem gráfica atua não apenas como suporte narrativo, mas como meio de construção de sentidos, materializando o medo de forma simbólica e sensorial.

As reflexões de Judith Butler (2019) podem complementar essa análise ao discutir a performatividade⁵ do sujeito e a vulnerabilidade dos corpos. O corpo de Lucy, sendo o principal alvo da violência, torna-se o espaço no qual essa vulnerabilidade é performada. Sua dissociação com a realidade pode ser vista como uma forma de resistência performativa, em que sua identidade feminina é continuamente negociada entre a criança inocente e a vítima do abuso. Butler (2019) sugere que os corpos marcados pela violência tentam encontrar formas de resistir, mesmo que essa resistência se dê através da negação ou da criação de uma nova realidade. Lucy, ao transformar todos os homens em monstros, redefine sua realidade para lidar com o terror que vive cotidianamente.

A contracapa da *graphic novel* traz uma mensagem forte: “Esta é uma história de ficção, a realidade é bem pior”:

Figura 2: Contracapa do livro



Fonte: Iohanathan (2020, p. 2)

⁵ O conceito de performatividade, desenvolvido por Judith Butler, refere-se à ideia de que identidades de gênero não são expressões de uma essência interior, mas sim construídas por meio de atos repetitivos e socialmente regulados. Segundo Butler, “o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituída por meio de um estilo reiterado de atos” (Butler, 2019, p. 25). Ou seja, a identidade não é algo que se “é”, mas algo que se “faz” continuamente, conforme normas sociais que moldam o que é considerado masculino ou feminino. Esse conceito é essencial para compreender como Lucy, mesmo em meio ao medo e à opressão, reproduz ou resiste a certos padrões de comportamento impostos por seu entorno social e familiar.

Essa afirmação reforça a ideia de que, apesar da narrativa ser fictícia, o problema social do abuso sexual infantil é ainda mais cruel do que a história de Lucy pode sugerir. O uso da ficção e da fantasia é uma ferramenta poderosa para abordar temas difíceis, como o medo e o trauma. A obra cria uma ponte entre o imaginário e o real, recorrendo à linguagem dos quadrinhos como manifestação para discutir questões sociais urgentes.

Nesse sentido, Arthur Valle (2019) argumenta que as *graphic novels* dialogam diretamente com a história da arte, utilizando recursos visuais para ampliar a narrativa. Na obra, o uso das cores preto, branco e rosa, e a forma como os traços mudam de intensidade conforme a cena, servem para destacar a progressão emocional de Lucy. A mudança de cores, especialmente em momentos de maior tensão, reflete o estado mental da personagem, criando uma simbiose entre o visual e o psicológico. Esse uso das cores contribui para a experiência imersiva, aproximando o leitor das emoções cruas da personagem, como apontado por Valle (2019).

A figura da mãe de Lucy, que permanece omissa aos abusos, também merece atenção. Na visão de Bauman (2008), a modernidade líquida fragiliza os laços humanos, criando uma situação em que as relações de cuidado se tornam cada vez mais instáveis. A mãe, ao não agir para interromper o ciclo de violência, representa essa fragilidade dos laços afetivos, que muitas vezes se baseiam na negação e no silêncio. O seu silêncio, portanto, é tão opressor quanto a violência do pai, pois mantém Lucy presa em um ciclo de medo e submissão, reforçando a manutenção do poder (Foucault, 1987).

A figura da mãe, no contexto da história de Lucy, pode ser compreendida como uma representação simbólica da instituição familiar que, embora culturalmente associada à proteção, ao cuidado e à segurança afetiva, parece falhar em exercer esse papel diante da violência vivida pela filha. Sua postura silenciosa diante dos abusos cometidos pelo pai pode, à primeira vista, ser interpretada como omissão. No entanto, uma análise mais ampla permite problematizar essa aparente passividade.

O silêncio da mãe não é apenas uma escolha individual, mas um reflexo das estruturas patriarcais que historicamente silenciam, condicionam e limitam a ação das mulheres à esfera privada. Muitas vezes, o medo da violência, a dependência financeira, a pressão social para manter a "unidade familiar" e a ausência de políticas públicas de apoio às vítimas impedem que mulheres rompam com situações abusivas. Como aponta Bourdieu (1999), a dominação masculina se perpetua por meio de uma violência simbólica naturalizada, o que contribui para a manutenção do silêncio e da subserviência feminina.

Nesse contexto, a distorção da realidade, que é central para a trama, pode ser entendida como um mecanismo de sobrevivência psíquica. Lucy, ao transformar os homens em monstros, faz uma leitura social do que ela experimenta no mundo real. Conforme Goffman (1989) argumenta, os indivíduos constroem suas identidades com base nas interações sociais e nas "máscaras" que vestem. No caso de Lucy, sua máscara é uma visão distorcida dos fatos que usa para evitar confrontar diretamente o abuso que sofre. A fantasia da protagonista, portanto, é sua tentativa de criar um mundo no qual ela tenha controle, mesmo que seja através da personificação de seus medos.

A narrativa expõe um ciclo contínuo de opressão, no qual a vítima, ainda que manifeste formas de resistência, encontra-se enredada em forças sociais e familiares que dificultam sua libertação. O medo, elemento central da trama, funciona como uma metáfora potente da condição, Lucy como tantas crianças na realidade, vive sob a sombra desse medo constante, que se manifesta de maneiras variadas – inclusive por meio de sua imaginação, quando as figuras cotidianas assumem formas monstruosas.

No entanto, ao contrário de um ciclo completamente fechado, o desfecho da história sugere uma possibilidade de ruptura: ao confrontar física e simbolicamente o monstro, Lucy não apenas expõe sua dor, mas também esboça um gesto de enfrentamento, que aponta para uma abertura, um lampejo de emancipação em meio ao caos.

Assim, trata-se de uma obra que, embora não seja propriamente sociológica em sua proposta original, permite leituras potentes a partir dessa perspectiva. Ao mobilizar elementos como o trauma infantil, o medo e as fantasias, a narrativa constrói não apenas uma história envolvente, mas também um campo fértil para reflexões críticas sobre as dinâmicas de poder presentes na estrutura familiar e sobre as formas de silenciamento e omissão diante do abuso sexual infantil.

3.2 A construção de sentidos a partir da linguagem dos quadrinhos

A linguagem imagética ou não-verbal é fator essencial para a construção do medo na narrativa em análise. No contexto do enredo, concebe-se a ideia de monstro associada à figura masculina representada pelo pai da protagonista. No entanto, todas as pessoas do sexo masculino são representadas imageticamente como monstros graficamente distintos, mas que operam características em comum, como chifres, cor preta e aspecto demoníaco.

Com foco nos quadros em que aparece a figura paterna de Lucy, compreendido como o monstro principal, é possível depreender que as imagens funcionam como elementos potentes e expressivos do medo. Por meio da linguagem visual dos quadrinhos, observa-se as percepções da personagem, de modo que o pai deixa de ser apenas uma figura humana para assumir contornos grotescos e ameaçadores, reforçando o terror psicológico vivido por ela.

Figura 3: Visita do monstro-pai ao quarto de Lucy



Fonte: Iohanathan (2020, p. 5)

No primeiro quadro, observamos um plano de fundo completamente preto, sugerindo que a cena ocorre à noite momento associado ao sono e à vulnerabilidade. A postura de Lucy, deitada e coberta por um lençol, reforça essa ideia. Em seguida, somos conduzidos através de um *close-up* ao rosto da personagem: seus olhos cerrados e a expressão hesitante revelam tensão e medo. Uma única lágrima escorre de seu olho elemento simbólico que interpretamos como um sinal contido de sofrimento, resistência e temor. A composição visual é atravessada por uma faixa branca de luz que corta o quadro na horizontal, prenunciando a iminente abertura da porta do quarto, o que intensifica a expectativa de um evento traumático.

Os balões de pensamento que acompanham a cena também colaboram para a construção do medo: neles, lemos uma injunção dirigida a si mesma um imperativo para que “durma logo” revelando a tentativa da personagem de escapar, pelo sono, daquilo que sabe que virá. Essa estratégia narrativa é reforçada pelo uso do plano em *close-up*, que amplifica o impacto emocional da cena, pois

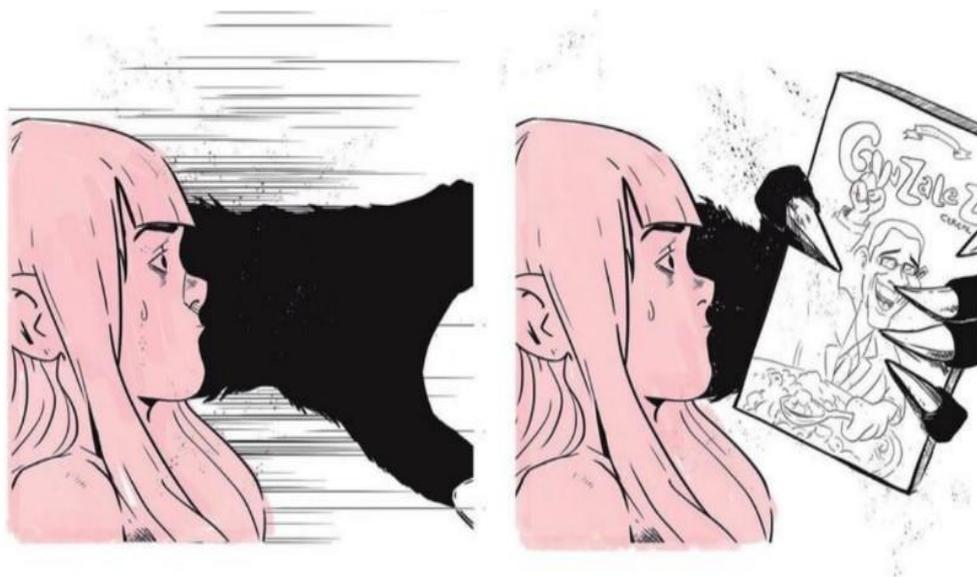
[...] é comum criar certas tensões narrativas e alimentá-las no decorrer da trama, ao passo que os planos e enquadramentos ganham dimensões maiores quando potencializadas pelo estilo da vinheta. Comumente, isso ocorre no plano em *close up*, quando há um enfoque em detalhes que são ampliados muitas vezes pela própria ausência de uma linha demarcatória da vinheta (Melo, 2024, p. 60).

No segundo quadro, o monstro é representado em corpo inteiro. A imagem é construída a partir da perspectiva da porta entreaberta, o que cria o efeito de projeção da sombra da criatura sobre a cama de Lucy. Assim, o medo que a personagem tenta reprimir ao ordenar-se mentalmente que durma se concretiza visualmente dentro de seu quarto. O espaço anteriormente marcado por tons de rosa⁶ tradicionalmente associados à personagem é agora dominado por uma paleta de preto e branco. A cor rosa, símbolo culturalmente vinculado ao feminino, à doçura e à fragilidade¹, cede lugar à escuridão opressora. O preto, incorporando o monstro, funde-se ao ambiente noturno, enquanto o branco, vindo da luz que atravessa a porta, cria um contraste dramático que acentua a tensão da cena. A silhueta da criatura ocupa quase todo o quadro, reforçando visualmente a magnitude simbólica do medo que domina Lucy naquele momento.

Uma outra cena muito importante, e que já dá indícios do medo da protagonista é durante o café da manhã:

Figura 4: O café da manhã

⁶ A cor rosa, ao longo do tempo, consolidou-se como símbolo do universo feminino, associada à suavidade, à vulnerabilidade e à delicadeza. Essa construção simbólica é reforçada por contextos sociais e midiáticos que vinculam o rosa à infância feminina, à pureza e à dependência, sendo comumente utilizada para representar personagens que se encontram em posições de fragilidade ou submissão (Pastoureau, 2016).



Fonte: Iohanathan (2020, p.8)

Nessa cena, tal qual nas anteriores, o foco da narrativa está no aspecto imagético da linguagem, já que não apresenta palavras. Contudo, os enunciados são perfeitamente completos. No primeiro quadro, há no segundo plano uma mão na cor preta cor dos monstros, junto a linhas cinéticas (em terceiro plano), que denotam o movimento rápido. Nota-se a desproporcionalidade da mão em relação à cabeça da menina, aspecto intencional que pode ora revelar a fragilidade da personagem em relação do monstro-pai, ora o tamanho do medo que ele causa na garota. Já no primeiro plano, junto ao canto inferior esquerdo está Lucy, sentada à mesa, porém o foco se encontra no aspecto assustado do seu rosto, que exprime o desconforto da personagem. No rosto escorre uma gota de suor frio, marca do nervosismo e medo que sente todas as vezes que o pai se aproxima fisicamente do seu corpo.

O segundo quadro detém-se em mostrar que o monstro-pai estava apenas pegando a caixa de cereal, como em uma ação normal para um café da manhã. Porém, a expressão de Lucy continua a mesma: com medo silencioso e disfarçado. Tal medo contrasta com a ilustração da caixa de cereal, que representa um homem de largo sorriso. A escolha do homem possivelmente está associada à figura paterna; o sorriso, por sua vez, evidencia a expectativa do humor da garota para o momento, mas, que é proporcionalmente inversa, dada a situação de abuso vivenciada pela personagem.

Avançando na narrativa, destaca-se a cena em que os pais de Lucy são chamados à escola para uma reunião com o diretor. Esse encontro ocorre em razão de comportamentos considerados preocupantes por parte da menina: retraimento, dificuldades de socialização e manifestações emocionais incomuns os quais despertam a atenção da instituição para possíveis problemas em seu ambiente familiar. Trata-se, portanto, de uma tentativa, ainda que limitada, de intervenção pedagógica diante de sinais do sofrimento infantil.

Logo após essa reunião, a obra apresenta uma das cenas mais impactantes no que diz respeito à representação do medo:

Figura 5: O monstro-pai entra no quarto após a reunião na escola



Fonte: Iohanathan (2020, p.36)

A cena apresenta uma atmosfera de tensão a todo instante na interação das personagens. O monstro-pai entra no quarto em um movimento rápido e abrupto, evidenciado pela onomatopeia⁷ “slamp!”, que é reforçada pelo sinal de exclamação. Contudo, os aspectos imagéticos enunciam os impactos emocionais na imagem, que, por sua vez, é um comunicador. De acordo com Eisner (2010), a competência da representação e universalidade da forma escolhida são fundamentais. O estilo e adequação da técnica são acessórios da imagem e do que ela está tentando dizer. Nesse sentido, a imagem se compromete em enunciar desenvolvendo uma interação que evoca imagens na mente do leitor.

Considerando isto, o monstro-pai aparece novamente junto à porta, a fim de comparar o tamanho e altura como forma de transparecer ao leitor como ele é visto pela menina: imponente e temido. Não por acaso, o monstro está disposto em ângulo oblíquo inferior; o ponto de vista se dá a partir da perspectiva da garota, de baixo para

⁷ As onomatopeias, nos quadrinhos, funcionam como elementos semióticos capazes de intensificar a expressividade das ações e provocar efeitos de sentido que transcendem o texto verbal. Segundo Luyten (2002), esses recursos sonoros desenhados ampliam a imersão do leitor ao representar graficamente sons e ruídos, muitas vezes simbolizando sensações ou emoções ligadas à cena. No caso da onomatopeia “slamp!”, por exemplo, ela reforça visual e auditivamente a brutalidade do movimento, potencializando a atmosfera de tensão.

cima. No segundo quadro, o foco é em *close-up*, totalmente centrado no olhar de Lucy. A composição imagética do olho mirando o canto esquerdo em direção à porta (onde está o monstro), os traços da sobrancelha levemente franzida e os traços próximos ao olho, evidenciam o medo que ela sente ao se deparar com o monstro-pai. Em seguida, num curto espaço de tempo e sem nenhuma fala, o monstro segura o braço da menina com força, e ela parece se agarrar aos lençóis da cama na tentativa de não ser arrancada pelo monstro. Toda disposição das imagens indica a relação de medo que se instaura na filha em relação ao pai; tanto pela imponência do monstro, quanto por sua agressividade.

Esse medo é construído em toda a narrativa e se agrava em muitos momentos a partir das cenas de convivência entre a família, expondo o relacionamento abusivo entre o casal e a forma como isso, conseqüentemente, afeta a Lucy:

Figura 6: Argumentação do monstro-pai



Fonte: Iohanathan (2020, p.38)

No contraste dos quadros, nota-se que o foco está nos olhos dos personagens. O monstro-pai possui olhos simplesmente brancos sem nenhuma emoção ou afeição humana, logo, explica-se a metáfora de monstro. Além disso, estão ligeiramente mais altos em comparação aos olhos da filha, evitando alinhar-se, como um recurso gráfico que indica a imponência do pai. O fundo é completamente escuro, fato que pode propor a personalidade bruta, agressiva e, sobretudo, intimidadora do personagem. Já no quadro que aparece Lucy há a demarcação dos seus olhos com pupila dilatada, sobrancelhas franzidas, lágrimas abundantes e semblante de medo frente à figura do monstro. A garota está nitidamente assustada com a situação e desconfortável, apresentando expressão de medo e pavor. Os olhos das personagens parecem se enfrentar, um com apatia, outro com um medo paralisante.

Por fim, o monstro demonstra sua força e imponência subjugando as personagens femininas:

Figura 7: O monstro-pai intimida a esposa e filha



Fonte: Iohanathan (2020, p.38)

Nesse quadro, a temática do medo se manifesta não apenas por meio da linguagem não verbal, mas também através do texto escrito. Após o monstro-pai questionar se elas compreenderam o que havia sido dito, a resposta da filha surge em um balão de fala trêmulo, com linhas levemente tortas e rabicho curto, reforçando visualmente o tremor e a hesitação da personagem: “s-simi”. Essa forma gráfica transmite, com precisão, a fragilidade da fala e o abalo emocional diante da figura opressora. No entanto, é a postura do monstro que mais impacta visualmente: sua silhueta imensa ocupa quase toda a vinheta, curvando-se sobre Lucy com o dedo apontado em tom de ameaça gesto que simboliza dominação e controle.

No mesmo quadro, observa-se as duas personagens femininas em posição retraída, assumindo uma postura quase fetal, marcada pela tentativa de autoproteção. Lucy se abriga entre os braços e pernas da mãe, num gesto que tanto busca quanto oferece proteção. Embora os rostos estejam ocultos pela posição corporal, conseguimos presumir o sentimento de medo intenso por meio da linguagem corporal retraída de ambas. Essa ausência de expressão facial é preenchida pela eloquência da composição visual, que comunica o afeto e o pavor em simultâneo.

É importante chamar atenção, ainda, para um detalhe fundamental: o contorno rosa que delinea todos os elementos da cena, desde os corpos das personagens até os limites da vinheta. Esse recurso cromático, apesar de sutil, carrega um importante valor simbólico. A cor rosa, tradicionalmente associada à feminilidade, à delicadeza e à infância, reaparece aqui como traço de resistência. Em um ambiente dominado pelo medo e pela violência, a cor não desaparece: ela contorna, marca presença e insiste em existir. Interpretamos esse detalhe como uma representação de que, mesmo em meio ao terror, Lucy preserva traços de sua identidade, de sua subjetividade e, sobretudo, de sua força simbólica. A cena, portanto, é construída como uma representação do conflito entre dominação e resistência, entre o medo que paralisa e a identidade que, silenciosamente, insiste em permanecer.

Partindo para as cenas finais da *graphic novel*, após a cena intimidadora que a protagonista sofreu com o pai após a reunião na escola, ela volta a interagir verbalmente com seus brinquedos:

Figura 8: Lucy dialoga com seu alter ego heróico



Fonte: Iohanathan (2020, p. 57)

A cena apresenta Lucy dialogando com seus brinquedos, que a oferecem ajuda para resolver a situação, e é a partir disso que ela percebe que deve buscar forças para enfrentar seu maior medo. Pode-se afirmar que nesse momento acontece a mirada interna, que segundo Gama-Khalil e Borges (2022), é definida como o momento em que o sujeito espia para dentro de si, habitando seu mundo imaginário. A protagonista tira os cadarços do seu tênis e amarra-os na escada para que seu pai, ao sair do banho, caia degraus abaixo.

Nesse processo de empoderamento visual e narrativo, a mudança de cores desempenha um papel central. Durante boa parte da narrativa, Lucy é associada a tonalidades suaves, especialmente o rosa, cor que comumente carrega conotações de fragilidade, docilidade e inocência infantil. No entanto, nas cenas finais, esse tom dá lugar ao vermelho vivo de sua capa heroica, em uma transição cromática que simboliza o amadurecimento precoce, a revolta, a coragem e a raiva elaborada. Os tons quentes passam a dominar sua presença visual, refletindo sua transformação subjetiva. Ela não nega o trauma do abuso sexual infantil, mas se reinventa a partir dele, construindo uma nova identidade por meio da metáfora heroica.

É nesse contexto simbólico que emerge a figura da Mulher-Maravilha, cuja imagem já havia sido associada anteriormente à personagem por meio de referências visuais e objetos do quarto de Lucy. A Mulher-Maravilha, criada por William Moulton Marston em 1941, é uma das mais icônicas heroínas da cultura ocidental. Guerreira da ilha fictícia de Themyscira, ela representa força, coragem, justiça e sabedoria. Para além de seus poderes sobre-humanos, é conhecida por seu laço da verdade um artefato que obriga a revelação do que está oculto o que pode ser interpretado, na narrativa, como um símbolo da urgência de romper com o silêncio que cerca o abuso infantil.

Ao dialogar com essa referência, Lucy incorpora em seu imaginário o arquétipo da mulher guerreira. A presença simbólica da Mulher-Maravilha não é apenas decorativa ou lúdica: ela funciona como modelo de enfrentamento e justiça, inspirando a protagonista a agir contra seu agressor e a reivindicar sua própria potência. Lucy não se vê apenas como alguém que sobreviveu ao abuso, mas como alguém que o enfrentou com inteligência, coragem e estratégia. Nesse momento, ela assume sua narrativa, transforma o medo em força e se posiciona como heroína da própria história

uma construção profundamente significativa tanto no campo da literatura infantil quanto na representação dos processos de resistência psíquica diante do trauma.

O plano é bem-sucedido e ela o vê caído no chão, enxergando-se como uma super-heroína:

Figura 9: Lucy se vê como uma super-heroína



Iohanathan (2020, p. 90)

Na cena acima, há uma representação completamente transformada de Lucy: ela aparece em pé, empoderada, com postura firme, olhos cobertos por uma mecha de cabelo e com uma capa vermelha esvoaçante, remetendo à imagem de uma super-heroína. A camiseta traz a frase “*Are you in a comic or in reality?*” (“Você está em um quadrinho ou na realidade?”), uma provocação metalinguística que convida à reflexão sobre os limites entre ficção e vivência emocional, representando o renascimento simbólico de Lucy, apesar das marcas físicas e emocionais. Podemos afirmar que a protagonista não é mais refém do medo, pois buscou toda a coragem que encontrou dentro de si. É notório, pelo seu semblante, quão satisfeita a personagem se encontra diante da cena que estava a sua frente: mesmo maltratada, abusada e com um hematoma em seu olho esquerdo, se tornou uma heroína e finalmente se livrou do monstro que por anos lhe causou tanto medo, dor e sofrimento:

Figura 10: Monstro-pai caído no chão

Fonte: Iohanathan (2020, p. 91)

No último quadro, há a figura do pai caído no chão, não mais representado como monstro, mas como homem. É o único momento em que a figura “humana” do agressor aparece na narrativa, o que não o torna menos ameaçador, mas inaugura uma nova leitura: a de que o verdadeiro horror reside não em figuras fantásticas, mas na realidade concreta e cotidiana da violência. A expressão corporal tensa de Lucy e seu gesto de fuga revelam que, embora o monstro tenha sido derrubado, o abuso sexual infantil que ela sofreu continua produzindo ecos internos. O agressor, outrora representado de forma grotesca como uma figura bestial, é agora revelado em sua condição humana o que intensifica a brutalidade de seus atos, ao mostrar que o pedófilo não é um ser mitológico, mas um adulto comum, muitas vezes presente dentro da própria casa.

A sombra projetada nesse quadro final não assume mais a forma monstruosa de antes, mas ainda permanece, simbolizando a persistência dos traumas que o abuso deixou. Isso evidencia que o fim físico do agressor não implica no fim do sofrimento psíquico. O pai, como agente direto do abuso sexual infantil, encarna o que há de mais perverso na quebra de confiança e no uso de poder sobre um corpo vulnerável. Sua queda não representa uma libertação plena, mas apenas um rompimento inicial com a ameaça concreta. O trauma, no entanto, sobrevive e continuará habitando os espaços internos de Lucy na forma de memórias, fragmentos sensoriais e marcas emocionais profundas. Essa cena final, portanto, revela com crueza como o abuso sexual infantil deixa vestígios que ultrapassam o momento do ato, se prolongando no tempo e moldando subjetividades. Lucy sobrevive, resiste e se reinventa, mas nunca mais será a mesma.

4 CONCLUSÃO

A análise empreendida ao longo deste artigo buscou cumprir os objetivos propostos ao explorar a construção da personagem Lucy, articulando os recursos narrativos e imagéticos que estruturam a obra. Para além das discussões teóricas sobre poder, medo e performatividade, houve a busca de compreender como a própria linguagem dos quadrinhos atua como um meio expressivo singular na representação do trauma, especialmente quando se refere ao abuso sexual infantil, e da resistência subjetiva frente à violência.

A obra, ao articular texto e imagem de maneira harmoniosa, permite uma construção simbólica profunda, em que os sentidos são produzidos tanto pelo verbal quanto pelo visual pelas cores, enquadramentos, onomatopeias, silêncios e composições de cena. Nesse sentido, destacou-se como o medo é visualmente materializado ao longo da história: nas sombras que dominam os quadros, nos ângulos oblíquos que evidenciam a opressão, nos balões de fala deformados que traduzem hesitação e sofrimento. As vinhetas, enquanto unidades narrativas, funcionam como dispositivos de afeto e tensão, muitas vezes ampliando o impacto emocional de uma cena mais do que o próprio texto verbal. A *graphic novel* se mostra, portanto, uma linguagem potente para abordar temas sensíveis como a violência doméstica e o abuso sexual infantil, pois permite ao leitor acessar uma camada sensorial e simbólica que vai além da leitura convencional.

A trajetória de Lucy é construída por meio dessa mescla expressiva, que revela sua subjetividade dilacerada, mas também sua força silenciosa. O impacto do abuso sexual infantil sobre sua identidade foi discutido ao longo do artigo, evidenciando como esse tipo de violência molda não apenas sua percepção de mundo, mas também suas estratégias de sobrevivência como a criação de um universo fantasioso onde os agressores se tornam monstros. A esse respeito, as reflexões de Foucault (1987) permitiram compreender as dinâmicas de poder que operam tanto nas instituições quanto nas relações íntimas; as de Butler (2019) ofereceram uma chave para pensar o corpo vulnerável como espaço de resistência; as de Bauman (2008) elucidaram o medo como elemento difuso e contínuo na vida contemporânea; e as de Goffman (1989) contribuíram para a leitura das performances sociais e das máscaras que Lucy adota para suportar seu cotidiano.

Assim, ao conceber a *graphic novel* como ponto de partida, este artigo não apenas analisou o impacto da violência e do medo na infância, mas também destacou o potencial estético e político dessa obra na abordagem de temáticas complexas. A obra demonstra como o hibridismo entre palavra e imagem pode dar corpo às experiências mais íntimas e dolorosas da existência humana, revelando a literatura gráfica como um território fértil para denunciar e refletir sobre o abuso sexual infantil e suas reverberações psíquicas e sociais.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lúcia M; Fernando; AZEVEDO. Literatura Infantil e temas difíceis: mediação e recepção. In: KIRCHOF, Edgar R.; SOUZA, Renata J.; Literatura para crianças e jovens: temas contemporâneos, **Em aberto**, Brasília, v. 32 n. 105, p. 77-92, 2019.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: Os limites discursivos do "sexo". São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje). São Paulo: Quíron; Brasília: INL/MEC, 1981.
- DÍAZ, Fanuel Hanán. **Sombras, censuras y tabús en los libros infantiles**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2020.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 4.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FERES, Beatriz; MICHELLI, Regina. Assédio sexual na infância: o perna de pau, de Felipe Campos, e Leila, de Tino Freitas. **Miscelânea**, Assis, v. 32, p. 223-243, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. A literatura fantástica: gênero ou modo?. **Terra roxa e outras terras**: revista de estudos literários, v. 26, p. 18-31, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35212>. Acesso em: 07 mar. 2025.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. São Paulo: Petrópolis. Tradução de Maria Célia Santos Raposo, 1989.
- HERMAN, Judith. **Trauma e recuperação: as consequências da violência — do abuso doméstico ao terror político**. Nova York: Basic Books, 1997.
- JOHANATHAN, Luckas. **O monstro debaixo da minha cama**. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2020.
- LIRA, Layne Maria Dos Santos Batista. **O contemporâneo na literatura infantil: temas fraturantes na infância**. 2021. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21524>
- LUYTEN, SONIA M. BIBE. Onomatopeia e mimesis no mangá: a estética do som. **Revista USP**, n. 52, p. 176-189, 2002.
- MELO, Bruno Santos. **Protagonismo constelar em Guerra civil**: história, linguagem e multiplicidade nas HQ's da Marvel. 2024. 218 f. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2024. Disponível em <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/5025>.
- PASTOUREAU, Michel. **Rouge**: histoire d'une couleur. Paris: Seuil, 2016.
- OLIVEIRA-IGUMA, Andréia Alencar. **De quais jovens fala a literatura juvenil brasileira premiada pela FNLIJ de 2000 a 2017?**. 2019. 248 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, 2019. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21524>

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. **Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico**. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2021.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

VALLE, Arthur. História em quadrinhos e História da Arte: diálogos temáticos e metodológicos. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 21, n. 39, p. 9-23, dez. 2019.

VAN DER KOLK, Bessel. **O corpo mantém a pontuação: cérebro, mente e corpo na cura do trauma**. Nova York: Viking, 2014.

WINNICOTT, Donald. **Brincar e Realidade**. Londres: Routledge, 1971.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir chegar até aqui mesmo diante de tantos obstáculos durante minha trajetória acadêmica.

Ao meu irmão Flávio Dias que hoje é uma estrelinha no céu, mas que me ajudou muito durante a graduação.

A minha mãe Severina, a mulher que mais admiro nesse mundo, a que ficava acordada junto comigo nos momentos de escrita desse trabalho, a que sempre me servia café, afirmando que era para me manter acordada. A que nunca pisou em uma escola, mas que sempre incentivou a mim e a meus irmãos a estudarem.

Ao meu irmão Fábio e minha irmã Fabiele, que sempre me ajudaram com palavras de incentivo e motivação.

Aos meus professores da graduação, que contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica, em especial ao meu orientador Professor Doutor Bruno Santos Melo, que me deu todo o suporte durante o processo de escrita.

Aos meus colegas de graduação, Yasmin, Kelle Cristina, Kelly Tainá, Diogo Jordan e em especial Juliana Gervásio, a que foi meu suporte durante a graduação, estágios juntas, momentos felizes e choros também.

E ao meu amigo de infância Fagner Barbosa, que sempre esteve comigo em todas as situações da minha vida, me dando todo apoio necessário e sempre dizendo que eu era capaz.